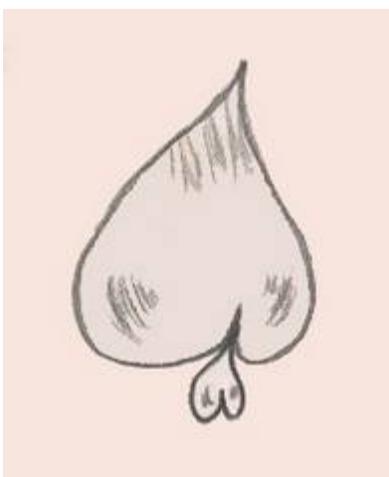


**POESIAS
DO
AMOR PAGÃO**



Poesias 1987 1988 1989

José M. da Silva

**© José Manuel da Silva, 1989
Rio de Janeiro, R.J., Brasil**

Copyright

ÍNDICE

AMOR DOS FRACOS	4
17/08	6
SEM TÍTULO I	7
SEM TÍTULO II	7
OUVI UMA CANÇÃO	8
MENINA DO CABELO CASTANHO	9
CAMINHANDO	10
DO BÉBADO	11
AU	12
O POETA DA LUZ FRACA	13
DO SER	14
DAS MOÇAS	15
A TUA AUSÊNCIA	16
LOUCO VARRIDO	17
TU	18
A TUA IMAGEM	19
AMOR PAGÃO	20
O CORAÇÃO	21
ESSAS LETRAS	22
UMA PARTE DE MIM	24
ALGUÉM	25
ORA	26
VEJA BEM	27
VOCÊ ME PERGUNTA	28
EPIFANIA I	30
DEPOIS DO JANTAR	31
O DILÚVIO	32
O RELÓGIO	33
EM VENDO A NOITE	34
CANÇÃO DO ESQUECIMENTO	35
COM O CORRER DO DIA	36
DÚVIDA	37
ISABEL	38
TENTANDO ENTENDER O OLHAR ENIGMÁTICO DO GATO... ..	39
MUDANÇA	40
CLUBE	41
FRAGMENTOS	42
DIZE-ME QUEM ÉS... ..	43
SONIA	44
SEM PRETENSÃO	45
DESEJO QUALQUER – MAL-ME-QUER	46
DIVISANDO O SOL POENTE	49
DEPOIS	50
PERGUNTA	51
POEMA DO EU	52
JOE	54
CHEIRO DE VOCÊ	55
A CLARINETA	56
ACHO	58
AINDA	59
POEMA DO FIM	60
UM QUERER	61
PARA VINÍCIUS OUTRA VEZ	62
POESIA INACABADA	64
POESIA INACABADA I	64
POESIA INACABADA II	64
POESIA INACABADA III	64
POESIA INACABADA IV	64
EM TEMPO	65
***	66

To Bob Dylan

Sex is a temporary thing; sex isn't love. You can get sex anywhere. If you're looking for someone to *love* you, now that's different. I guess you have to stay in college for that.

Bob
Dylan

Copyright

AMOR DOS FRACOS

Só os fracos podem amar
pois só um fraco pode perdoar
um ultraje tamanho ao paladar
só um fraco pode olhar nos olhos
de alguém que o trai sem pretexto.

Só os fracos podem amar
pois só um fraco vê certa beleza
em tirar do antro o perdido
em cavar a própria sepultura
e abdicar da cultura
em prol da perda de tempo
que é o momento
de rir pra não chorar.

Só os fracos podem amar
pois só um fraco escreve poemas
em nome de um amor impossível
e só a fraqueza explicaria
um poema de tabacaria
enfim só um fraco é sensível
a ponto de chorar na rua
pelo brilho marcante da lua.

Pois os fortes tentam amar
mas resistem a tais maus tratos
e não choram sem motivos
e não morrem estando vivos
nem tampouco têm coragem
de entrar pela garagem
se a decência fecha a porta.

Pois moral, respeito e brio
só existem se ligados
ao que todo fraco almeja
o amor quente de alguém frio
passeando de mãos dadas
seja lá que dia seja.

Só os fracos podem amar
pois só um fraco tem doçura
pra adoçar esse teu fel.
E se a vida vale a pena
seja oca ou seja bela
eu sou fraco e digo não
a viver sem coração.

Só os fracos podem amar
pois amar é a fortaleza
que fraqueja a solidão.

Rio, 1987.

Copyright

17/08

O verso agora ficou mudo
foi-se a estrofe que era tudo.
É,
José,
aí está a tua resposta
não há muito o que dizer
neste agosto já sombrio
foi-se do mundo a inspiração
com a tua expiração
não há muito o que fazer
pois a chuva já secou.
Que alguém bom te ampare e guarde
ao teu gosto sem alarde
e vai, poeta, ser eterno
deixa o mundo, esse doente
se ocupar em ser moderno.

Rio, 1987.

Copyright

SEM TÍTULO I

Da rua em diante
não há o que fazer
do mundo pra baixo
só te querer.

Pois tua casa é no céu
e o mundo uma ilusão
quando penso nos teus olhos
e tudo então vira prazer.

Do vício de querer um copo
chego a ficar bêbado
de tanto ter fome de te olhar
fecho os olhos e não paro de te ver.

Terezópolis, 1987.

Copyright

SEM TÍTULO II

Sou quem te atenta o juízo
porque sou quem te ama;
e em muitas horas do dia
não consigo sair dessa lama.

Gosto de gostar gostando
e sem querer querer ficar
fazendo amor e divagando
porque é divertido te gostar.

Rio, 1987.

OUVI UMA CANÇÃO

Ouvi uma canção
que me lembrou do teu sorriso
como se o amor
fosse apenas um aviso.

E o brilho dos teus olhos
se me chegou em pensamento
como se a saudade
desfalecesse esse momento.

E então filosofei
eu cá comigo e meus botões
imaginando o casamento
desses nossos corações.

E ainda agora distraído
o frio duro, a luz tardia
surpreso olhando para o teto
pois que te amava e não sabia.

Rio, 1987.

Copyright

MENINA DO CABELO CASTANHO

Você que senta na janela
Abre o caderno e faz não sei o quê
E me deixa pensando
Em ficar com você
Cadê a razão que me faz perceber
Seu cabelo castanho
E jeito largado?
Não são pra mim e talvez pra ninguém
Que não devia
Não devo
Pensar em você
Por quê? Se o sol
Continua a brilhar
Num dia tão lindo
Sem ter de pensar
Em largar de você
O se me pergunta
Onde ponho meus olhos
E em qual dimensão
Descobri-me em você
Entrée para o dia
Visão tão feliz
E um susto me agarra
Sua presença sumiu
Da janela e do mundo
E um rapaz sonhador
Já ganhou a manhã
A fingir que teu nome
É minha bela Désirée
Você Você
Cadê Você
Por quê? Você
Se você
Entrée Désirée.

Rio, 1987.

CAMINHANDO

Não se fazem mais amores
assim aconchegantes
em que esquecer o mundo
é lembrança embriagante.

Olhem só onde cheguei
sem dinheiro andando a pé
pelas ruas da cidade
sem destino mas com fé.

Enredado em pensamentos
a cabeça latejando
mas a dor é mais profunda
uma espécie de ar nefando.

Onde é mesmo que eu parei?...
Ah!... Não se fazem mais amores...
Bem, anyway agora é tarde
Vou dormir sem meus pudores.

Copyright

Um favo
de mel
procura
do anel
na falta
do alguém
me durmo
pensando
em qualquer
Isabel.

Rio, 1987.

DO BÊBADO

No fundo a vida
é a sensação
de se estar constantemente
bêbado. Olhar por cima. Estar em baixo.
Sentir não pensando.
Pensar não querendo.
Querendo não vendo.
No caso o estudo
com o sexo e o trabalho
a vida
história das três fugas.
Pois a fuga do bêbado
não traz a consciência material da fuga
e sim a abstrata intuição
de algo prazeroso
embora doloroso.
Dá um sono...
Maldito mal-estar!
Esse questionamento do desejo
um eterno investigar
entre o abraço e o beijo.
Embate ferrenho...
Duro chegar à conclusão
se tudo é dádiva ou maldição.

Rio, 1987.

AU

Como ousas me dizer que não
vivo como tu
penso como tu
como te atreves a negar
que sinto
que reflito
é público e notório
meu existir
meu ser
faz com que me julgue
diferente de você
que não vive
que não sente
que não reflete
que não existe
como eu
que não penso em ti
como pensas em mim
que começo a pensar
por que pensas assim
pois eu vejo você
mas você não me vê.

Rio, 1987.

Copyright

O POETA DA LUZ FRACA

O poeta é um ser marginal
e muito gosta de o ser tal
começa pelo meio
e não termina no final.

Que ser é esse que chora a saudade
do que ainda não chegou
e que pinta a imagem
do que alguém nunca falou?

O poeta é o lugar
da rima rica e do desterro
da loucura onde o fato
se engrandece com o detalhe
onde tudo faz sentido
e onde brilha uma luz fraca
onde chego sem ter ido
vomito a letra e como a faca.

Rio, 1987.

Copyright

DO SER

Há um pensamento estranho em minha mente
Como um algoz de minha voz
E enquanto penso
Não descanso
Há agora uma verdade em minha vida
Como o amor que não tem cor
E enquanto vivo
Só me esquivo
Há do ser a grande dúvida enfim
Como o espelho que reflete atrás de mim
E enquanto estudo as dimensões do não-saber
Vem a vontade tão imensa de escrever.

Rio, 1987.

Copyright

DAS MOÇAS

Vi uma perna bonita
e perguntei teu nome, Anita.
Vi uma face sombria
e acreditei em você, Maria.
Beijei uma boca sincera
e me entreguei a você, Vera.
Senti um desejo de morte
e você, Marta, foi a minha sorte.
Te deixei no ardor da primícia
e até hoje me lembro, Patrícia.
A felicidade era tua carícia
e te amava com amor, Letícia.
Disse gozei e mentia
e chorei por nós dois, Sofia.
E andei de esquina em esquina
vagando de Cristina em Regina.
Decidi me casar com alguém
e na hora, Lúcia, esqueci do amém.
Ainda vago com esperança e agonia
pesquisando esse teu coração, Bia.
Deixarei a poesia incompleta
como falta uma parte ao poeta;
e no eterno trocar de lugar
só espero a solidão enganar
ou um grande amor encontrar.

Rio, 1987.

A TUA AUSÊNCIA

Sou um mero teorizador da vida
Um transgressor do pensamento
Valete de um baralho apócrifo
Fixador idólatra de um momento.

Pois poesia é ser ninguém
Enquanto ser não é verdade
Há que ter o ser em si
Fazer do todo uma metade.

Sou feliz na infelicidade
A do amor incoerência
De saber o que é saudade
De temer a tua ausência.

Rio, 1987.

Copyright

LOUCO VARRIDO

Tenho ainda muito que aprender
Ou então sou louco varrido
Mas é tão gostoso me envolver
Com alguém de sabor ardido!...

Não sei bem se a inspiração
É porta-voz fiel do coração
Mas o temor de não saber
Me faz do teu veneno beber.

Viver é conhecer o doce e o amargo
É temer as angústias de um amor
Evitando que a doçura passe ao largo;
Como disse, é rimar sorriso e dor.

Não é ser um pessimista
Um alguém que antecipa a dor do desconhecido
Bom é ser um analista
Pra sofrer com a alegria e se rir quando sofrido.

Alô adeus meu bem-querer
Você me ama com prazer
Mas é que eu sou um louco ator
Que te ama só com amor.

Rio, 1988.

TU

És o pincel com que traço
No espaço o meu sonho florido
És um detalhe do vento
Que lento me beija o calor
Se todo dia me acordo
E te recordo como um sonho perdido
De noite me enrosco pequeno
E obsceno me embriago de amor.

Rio, 1988.

Copyright

A TUA IMAGEM

Não sei bem o que me dá
Quando o amargo me domina
É uma estranha sensação
Que me assusta e me fascina.

Vou pedir à inspiração
Que do pouco me enfastie
E ao tempo só imploro
Que sem frestas me espie.

Vou ali e não demoro
Só, de novo, e sem coragem
Pra dizer que sinto falta
De não ser a tua imagem.

Em algum lugar distante
Está um brilho de prazer
Que coloca em todo amante
A semente e faz crescer.

Rio, 1988.

Copyright

AMOR PAGÃO

Não sei mais o que fazer com você
Amor pagão
Que desafia toda lei que eu criei
Contra a paixão
Você, que é minha sina
Me alucina e me fascina
Me acende com um sorriso
E me fere sem aviso
Você é o perdão do meu excesso
E o amanhã que eu sempre peço
Não é bem que eu te adore
Ou que esteja em teu poder
Mas é que essa minha vida
Não respira sem te ver.

Rio, 1988.

Copyright

O CORAÇÃO

O coração tem pouco pra dizer
Enquanto a razão não entender
Que não se pode dizer nada ao coração
Com medo de se entender sua razão
E pra dizer pouco ao coração
É preciso não entender toda a razão
Que pouco diz ao coração
Que muito espera da razão.

Rio, 1988.

Copyright

ESSAS LETRAS

O que fazer com essas letras?
 Letras de dor, letras de amor.
 Torná-las em rimas ricas
 Ou empobrecê-las por solidariedade
 Ao país infeliz?
 O que fazer com essas letras?
 Letras de cor, de vapor.
 Poderia filosofá-las em ininteligíveis
 Que foram, que são
 Ou empunhá-las movido de paixão.
 E letras tão belas
 E letras confusas
 E letras esquecidas
 Letras que buscam
 O sentido do inexplicável
 Tentando, lembrando
 Tirando, botando
 Doá-las à praça pública
 Alimentá-las de mendigos
 Vesti-las da sujeira das ruas
 São letras em poesia futurista
 Porque de um passado em revista.
 Ou então entregá-las a você
 Com um beijo, no ensejo
 Deixando de lado o pudor
 Sem que falassem em pavor.
 Mas são letras profundas
 Da mente oriundas
 Onde o mundo vagueia sem rumo
 Num eterno trocar de lugar
 Onde o pensar ganha e perde seu prumo
 Sem no entanto parar e afundar.
 O que pensar dessas letras? Que falam de sexo e se arrependem no amor;
 que se apaixonam insaciáveis. Ah, se o caos finalmente decidisse pôr
 ordem nas linhas tortas e retas das deusas letras...!
 Afinal são letras fortes
 De farta impressão
 Que às vezes não falam de mortes
 E nem sempre de comiseração.
 Outras mais à toa
 Afoitas se exibem em discussão
 E algumas se desvirtuam
 Para um brinde aos perdões
 Enquanto uma perda se moraliza
 E inventa as viciações.

O que dizer a essas letras?
Se não que a letra é vã, anã
Eco poderoso que não vibra no ar?
Pois a letra é um desenho do amanhã da memória,
É o desprendimento da sensação da certeza de nada saber, e a esperança de
poder brincar com Golias sem cegar Davi.
Como explicar a essas letras
Que jamais farão sentido
Nem a um simples pedido?
A quem confiar essas letras
Que querem a qualquer custo
Dizer que carecem e conhecem o justo?
Que têm raiva e que choram
E que de vergonha se coram.
A quem se não a mim
Que as conheço e entendo
E que no meu coração
Logo as tranco correndo?

Rio, 1988.

Copyright

UMA PARTE DE MIM

Alguma parte de mim morreu
Longe daqui.
Pois sinto um sono profundo
E o terror de ficar só.
Deve ser minh'alma gêmea
Ou um medo que pari
Mas sei que foi a morte
Pois do mundo tenho dó.

Alguma parte de mim empenou a tinta
E assinala a passagem
De um lampejo de sentir
Ah! tu, doce voragem
Que do verso faz surgir
Um mistério já contado
E um rimar desajeitado.

E, no entanto,
Alguma coisa fez morrer dentro de mim
Como em encanto
A preguiça de gostar de ser assim.

Rio, 1988.

Copyright

ALGUÉM

Alguém me pediu um poema
Que falasse de amor ou de uma coisa boa
Mas é realmente uma pena
Que não me lembre de quem no pensamento ressoa.

Fosse uma bela mulher
Falaria com admiração
E perguntaria me quer
Pra desejar tua paixão?

Fosse uma pessoa prudente
Ou de cultura marcante
Diria ainda bem, felizmente,
Que de ti jamais fico distante.

Fosse ainda alguém de quem eu gostasse
Cujo amor por mim fosse algo de certo
Talvez um beijo só, então, não bastasse
Que dirá um poema, para tê-la por perto.

Rio, 1988.

Copyright

ORA...

Gostaria muito hoje de
 escrever uma poesia.
 Por isso escrevo este conto.
 Ora, dir-me-á o atleta
 das palavras; um louco.

Em que pese vinte vezes
 a raiz das coisas,
 as estrelas não têm fim.
 Ora, então que o amor
 jamais seja só um pouco.

Invasão, um olhar me perscruta.
 Que estranho essa palavra aqui,
 num conto sem rima.
 Ora, que seja então poesia
 pois eu falo até que fique rouco.

métrica, tétrica
 peste do oeste
 sul tão azul
 morte sem porte

Foi uma sombra
 que me desejou boa tarde
 com o tesouro de meus olhos
 desprocuro o porquê;
 ora, então essa voz dentro de mim
 não é se não o eco
 de um prometeu vagabundo...

E em caso de não saber
 o que dizer
 haverá sempre o não-falar
 o contemplar;
 ora, pois se o verso é a contemplação do infinito...

Rio, 1988.

VEJA BEM

Um sestércio
É quanto vale
No vão comércio
O que quero dar-lhe.

Mas um milhão
Já em transe profundo
É a sensação
De ter você no mundo.

Perdoe a poesia insossa
Ou seja lá o que for
Só veja bem, essa moça,
O tamanho do meu amor.

Rio, 1988.

Copyright

VOCÊ ME PERGUNTA

Você me pergunta
Coisas profundas
Que bem se escondem dentro de mim
Me amuo num rápido
Num desmomento de raiva
Se de mim ninguém sabe
Nem eu
Se é tão bom só sentir
Entendeu?
E você ainda exige
Que me abra de todo
Sua voz me investiga
Seu amor um engodo.
Ah, se eu lhe pudesse dizer
Se você pudesse, que fosse, entender
Não que desmanche um prazer
Nem que o amor possa ser
Sei lá...
O que aflige
É que você me pergunta.
A paixão quer de tudo pra si
O amor do adultério se ri.
São palavras perdidas na noite
Em solidão de um quarto mais frio
São pedidos mudos, sombrios,
E é o cansaço de imparar de pensar.
Que diabo você quer saber
Será que é preciso dizer?
Me desculpe
Não se ofenda de novo.
O meu ser foi escrito
Decifrado e revisto
Minha alma estudada
Minha mente abordada
De maneira discreta
Numa ilha — ou creta.
E meu corpo olhado
Meu pensar desnudado
E ainda vem me dizer
Que não sabe você
Que tanto lê
Como rolam as pedras
Nas encostas do mim!?

Se é tão simples...
Eu estou nas palavras
E nas rimas também
Nos assuntos quaisquer
No sentido insentido
No feliz bem-me-quer
Ou
No azul desprovido
De algum poeta ferido.

Rio, 1988.

Copyright

EPIFANIA I

Que alguém mais capaz
Inteligente e sagaz
Quem maior do que eu
Nesse mundo ateu?

Que vivi e morri
E as ruas varri
Que passei de partida
Pela corja da vida?

Que deixei que me olhassem
E desafio malvado
Não deixei que entrassem
No meu mais dentro lado?

Rio, 1988.

Copyright

DEPOIS DO JANTAR

O ar está pesado
Tem estado
No mundo lá fora há fome
Não se come
No mundo cá dentro há cansaço
Sem mais espaço
Há um medo grande
Uma coisa de susto
Como se fosse acontecer
Não chorar nunca mais
O ar continua fugindo
Como findo
Na boca o gosto de sangue
Na mão o poeta do mangue.

Rio, 1988.

Copyright

O DILÚVIO

Il y a des choses à dire.
Yeah. E o dilúvio continua.
A chover e a chover
Na alma dos incautos
O sono me perturba
O sexo me derruba
E tudo que eu queria
Era pensar na Maria
Como fuga para o mundo
Como atalho para o fundo
E eis que me surge uma ideia
Um simples pensamento
De julgar a humanidade
Pelo status do momento.
Dá-me os louros da vitória
Ou a sorte aleatória
E por vezes vem me ver
Sem te dares a conhecer.

Rio, 1988.

Copyright

O RELÓGIO

Quem ainda não se sentiu traído
Pelos enganos do relógio
Que em certas horas corre demais
E em outras não corresponde a nossa expectativa
Temporal?
Imoral.
É estúpido pensar no relógio
E então é sofrível se pensar no tempo
Pois o que é o tempo
Se não uma abstração
Criada pela necessidade
De consolidar burocraticamente as mudanças
Por que passamos?
Os fatos.
O tempo não tem fatos.
É um surrealismo
Um abstrato antropomorfismo
Um substrato
Do contato
Da Tetra com o nada
Do nada com o cada.
O tempo foi criado, sem dúvida,
Por uma mente por certo lúcida
Preocupada em registrar
Em cronologar, em fixar.
O tempo, digo eu, não existe.
Pra que então viver assim?
Mas e o relógio?
Bem, o relógio é o relógio...

Rio, 1988.

EM VENDO A NOITE

O frio aqui em cima me faz chorar
E o pensamento voa além
Dos reflexos nos vidrinhos
Não são orgasmos de velocidade
Nem modismos adolescentes
É um profundo desgosto do mundo
E um acervo de coisas não feitas.
E por isso corro
Corro em duas rodas como se em quatro
A geografia pouco significa
E o pensamento não sossega um instante
As visões são assustadoras
Batidas, mortes ou uma queda que seja
É tudo o que a consciência lampeja.
O chegar será ainda monótono
Como a repetição da milésima vez
O deitar uma imitação do acordar
Com a inversão da minha insensatez.
Pois afinal não tenho nada a perder
Só a vida — que insiste em arder.
E amanhã quando a razão acordar
E essa dor de não entender me voltar
Espero ter de mais velho alguns dias.
E visto que a vida é um eterno sofrer
Ainda que pouco se nos façam saber
Resta então a solidão destas noites tão frias.

Rio, 1988.

CANÇÃO DO ESQUECIMENTO

Não sou nada
Veramente nada
Não sobressaí nas letras de meu país
Não fui doutor como mamãe sempre quis
Tampouco morri em acidente marcante
Ou sobrevivi a um ataque fulminante
Jamais olhei de dentro da televisão
Do rádio não me ouviram um só refrão
Não inspirei novela, livro ou pagode
De mim o jornal não fala — nem pode
Nada descobri para curar doença
Nem matei autoridade por desavença
Nunca fui herói, muito menos bandido
Nem deportado por motivo sofrido
Só amei por prazer e por paixão
Sem jamais ter feito pública minha emoção
Nas ruas meu andar não é tão nobre
Para que me reconheça o rico ou o pobre
Enfim nem mesmo sei se homem serei
Pois na mediocridade sempre me apaguei
Nem sequer responderei perguntas sobre a vida
De algum cantor num programa de sortida
E das artes só me gabo de escrever
O que nunca ao povo vou dizer.

Rio, 1989.

COM O CORRER DO DIA

Dia maldito que me trouxe a noite
Noite abrasada que não dorme em breu
De um perfume só me cheiro a mato
Sob um poder que não me valeu.

A tarde enclítica o poema assou
Em braços magros de ternura fria
O céu de azul se aboliu do morro
E a chuva disse que amanhã estia.

Adeus meu dia que me foi tão bom
Adeus e vai se enfurnar no escuro
Que hoje em dia já sonhar não vale
A pena asmática por sobre o muro.

Rio, 1989.

Copyright

DÚVIDA

E se o tempo me faltasse de repente?
E se a fresta em nosso amor de dor fremente
Não sufizer pra vislumbrar a solução
Como é então que vai ficar minha razão?

Pois que se morro e não te vejo ao cortejo
Não me faria muito bem à outra vida
E se não vou nem dou vazão ao meu desejo
Terei pavor só de pensar em a partida.

E se de nós só restar mesmo a solidão
De um amor então vivente e outro não?
Me faltaria ao sexo forte a coragem
De te perder por tão pequenina bobagem.

Pois que a vida só se tira a quem a tem
E o amor a quem não espera sempre vem
De mal com a sorte nenhum forte há que se poupe
E sem amor não há mortal que se enroupe.

E se do vinho desse amor eu não beber
Pois que sequer cheguei eu a te conhecer?
Ou descobrir que nem a casca eu venci
Para comer do amor a polpa, Deus, e se...?

Rio, 1989.

Copyright

ISABEL

Te amo nas linhas negras do papel
Te amo nos garranchos sem jeito
Te amo na rima pobre de whisky com bordel
Te amo num olhar perdido em teu peito.

E se amar for pensar
Te penso tanto que não sei
Mas se amar for viver
Já são mil anos que terei.

Te amo nas manchas deixadas no lençol
E nas marcas das unhas em meu braço
Como um peixe pendurado no anzol
Te amo em versos bêbados que traço.

Porque o amor é um atalho
Pelo abismo da loucura
É a vida em sal e alho
Que se converte em doçura.

Enfim te amo sem saber
Muito bem o que dizer
São confissões em um diário
Em um filme sem cenário
Frases mudas sem retorno
Naufragadas e sem véu
Vento frio nesse forno
Que é a visão de Isabel.

Rio, 1989.

TENTANDO ENTENDER O OLHAR ENIGMÁTICO DO GATO...

Por isso, sempre dê comida a um gato.
Ele pode ser o seu retrato.
De Sidarta e de Govinda,
Não, espera, é cedo ainda.
Uns buscando as nuvens dão o salto
Et les autres veem a vida coisa linda...

Por isso não renegue o lado baixo.
Quantos há dentro do facho
Dentro d'alma ou fora dela
Coisa feia ou coisa bela
A alguns importa pouco o que eu acho
E há outros que veem o mundo de uma sela.

Mas também não brinque tanto com tão pouco.
Se acaba por ficar ficando rouco.
E de tudo que se diz ou que se faz
A vida o muito leva, a morte o traz.
E por isso não exija tanto o troco
Muitos há cujo apetite é voraz.

O troco do soco
A bela capela
Que traz mas não faz
E que ainda é linda
O retrato do gato
Voraz e fugaz
Por baixo do facho
No salto do arauto...
Pega! — o leitor incauto.

Rio, 1989.

MUDANÇA

Muda tudo, de momento a momento
Mudas de roupa, mudo de alento
Muda o dinheiro, mudando o tormento
E muda o amor, de cego a ciumento.

O em verdade vos digo também já mudou
O valor mudará, se é que prestou
Até o humano é mutante, se tu vens eu já vou
E o infante, por que não está onde estou?

Fica, porém, a mudança, já realizada
Ficou a semente, árvore potencializada
Toda uma ideia, que será desmembrada
O amorfo da forma a ser cristalizada.

Passou o homem, a mulher e a criança
O auxílio já é fruta, o cansaço é andança
A quem chega, a esperança da troca
De quem parte, a memória se evoca.

Rio, 1989.

Copyright

CLUBE

É a bola que sobe
E a água que splasha
A palavra de inveja
E o olhar sensual.

É a criança chorando
E o homem-cerveja
A mulher descansando
E a menina que beija.

Não há muito a dizer
Do lugar em si
Porém muito a fazer
Em dó, ré e mi.

São pessoas e sonhos e lutas e armadilhas
Em meio a olhares e toques e fugas e rádios de pilha.
Desafio à velhice, escola da juventude
Sem a ordem dos fatores — valor de brancos e de negritude.

Enquanto lá são brigas e risadas
Conforme o ponto, a marca e as pisadas;
Porém não lá, entre o coração e a maldade,
É uma coisa assim, inexplicável bem perto da saudade.

Rio, 1989.

Copyright

FRAGMENTOS

Aqui me quedo escrevendo de novo
Versos tolos — em os lendo me calo
São bobagens, como noite sem lua
São paisagens, com carroças na rua
Certa vez me fui levado a pensar
Que a poesia vem e vai como o dia
Mas na noite que sem versos caiu
A inspiração em meu colo dormiu
Diz o músico com as migalhas no bar
Diz a puta com o cansaço no olhar
Diz o mestre com o bolso vazio
Diz o pobre com a vida no estio
Dizem todos que nem podem sofrer
O que os tolos procuram sem ver
Ou seja, é no olhar, é nos gestos e vozes
Que está a vida em suas mortes atrozes
E é o poeta qual cavaleiro andante
O responsável por esta missão humilhante —
A de trazer para hoje o amanhã
E de levar para longe o passado
De tragar por vocês todo o fel
De vomitar todo o gosto do nojo
De adorar, sem gostar, a paixão
E criar de uma tripa, coração
Mas se a vida não fosse sozinha
Onde todos só achassem razão
Ah, se a vida fosse entendida
Se a chegada não trouxesse a partida
Aqui me quedo escrevendo de novo...

Rio, 1989.

DIZE-ME QUEM ÉS...

É que a hora já é tarde
 E a solidão da noite em mim já arde
 No pensamento um pedaço de pão
 No corpo um desejo anão
 Pois em tudo há o corte de uma sorte consorte
 E no espírito o dedo azedo do medo arremedo
 Seguramente o sonho não vem
 Nem com a monotonia de um sono de trem
 E não que a vida tenha um gosto de fel
 É que já se esqueceu do aroma do mel
 Pois que posto está o que foi disposto
 E na estupidez do poeta o sabor sem gosto
 Que me venham de graça as novenas de Samaria
 Se é que existe algum conserto à mania
 Mas depressa como depressa é o voo
 Da andorinha que não vomita o enjoo
 E se casa com o João-de-barro molhado
 Pra fazer verão no subterrâneo alado
 Depois recito em muda voz a poesia
 E não sei se me chamo João ou Maria
 E de novo recito já bem trôpego de sono
 Torcendo que a rima ache logo seu dono

De tudo um pouco	Por tudo e mais
O conhecimento	A sangue-morno
De douto e louco	Que não se faz
E arrebatamento.	Amor suborno.

E lá se vai a noite com o barco da lua
 Sem que se materialize a loura de saia nua
 A vida inelutavelmente sem fé continua
 A poesia irremediavelmente a pé se evacua.

Rio, 1989.

SONIA

Sabia tudo desde o início
Ontem o hoje faz comício
Nunca esperes que não seja eu que te veja
Invento o sonho e o amanhã
A te conter em meu afã.

Rio, 1989.

Copyright

SEM PRETENSÃO

Sem pretensão um soneto se me veio
Figurante desleixado a se rir de meu anseio
E as horas têm conchavo com a treva
De querer e não poder de não saber se traz ou leva.

Assim não dá, que coisa louca
Escrever tão coisa pouca
No fim se esvai, a esperança
De temer tua tardança.

Que se mude, que me altere
Que se faça, que se espere
Imbricado em fina teia

Foi o novo. E o conselho
Foi o frio em que me espelho
A incerteza me chateia.

Rio, 1989.

Copyright

DESEJO QUALQUER – MAL-ME-QUER

Quero ser teu para sempre
Sem nunca o ser
Quero ser teu dependente
Sem querer
Quero ser tudo na abrangência
Do nada absoluto que extasia
Sem pensar no amanhã
Vivendo o agora em doce agonia
Disparar por teus cabelos
Em beijos loucos e perdidos
Escutar o teu amor
Em batidas sem compasso
Fortes e pesadas, um peito arfante
E o outro repousante
Quero que o tempo se entedie
Em esperar nosso cansaço
E que a vida se atrofie
Numa antessala com mormaço
Em teus braços o infinito
Em teus lábios eu perdido
Ver a morte em vida aflito
E te dizer que sou bandido
Pois não sabes quem sou eu?
Cavalheiro quando posso
Apaixonado em destroços
Quero embotar-me para o mundo
Sem perder minha vontade
Ir à lua num sorriso
E sorrir com você nua
Lembrar teu nome nos mercados
E compor em noite quente
Os romances que não digo
Por temer um mau repente
Por sobre a mesa o recado
De mim pra mim
De ti pra ti
Pois ti é mim e mim sou ti
Em se isto for correto
Já não sei o que é o sonho
E o sono é um pesadelo medonho
De não querer me repetir
De não saber como pedir
De adiar o aproximar
E de ser pobre no rimar
Quero sentir ao ser sentido
E ler o desejo de querer ser desejada

Em teus olhos de boneca
Em teu ser toda mulher
Que não importe o labutar
O pensar e o comer
Que se amargurem os pensadores
Que não tenhamos o que fazer
Que fazer? Um pão com mel
Um raciocínio – vem do céu
Quero então me agachar
E te ver desesperada
Sem saber,
Sem querer,
Sem poder,
Toda amarrada no poder do meu olhar
Aprisionada em minha posse
Sem que um dedo só a toque
E revezar nesta prisão
A cela fria a me esperar
O cheiro quente a me fritar
Em tua mão um meu desejo
Em teu tesão o amor perfeito
Em minha espera – insatisfeito
Em tua chegada o meu só beijo
Pois quero ser teu de novo e sempre
Em um momento sem tormento
Em vinte anos de um segundo
Ao descobrir que não há mundo
Quero de azul me pintar
No teu olhar
E de verde te atizar
Mas sem perder a cor do meu desejo
Sem te ver quando te vejo
Diz o sábio, diz o padre
Dizem todos os que dizem
Só não digo pois não sei
Se te vi ou te pensei
Esta carta
De tão longa
De tão ufana
De palavras
De amantes
Com sabor
Com voz pedante
Vez em quando
Esquecimento
Vou levando
Afobamento

É que é difícil ser amor
E consciência ao mesmo tempo
Pensar no tempo é dissabor
Quando a vida é um momento
Em se te tendo não há olhos
Para querer seja o que for
E a noite já se vai
Vai dormir com meu torpor
Tudo enfim é o dizer
Que não quero te querer
E que viver sem ser assim
Seria então o morrer sem fim
O fim de mim
Quero ser teu sem bem o ser
Quero te dar o meu viver
Quero ser mais que tua morte
Quero vagar em tua sorte
Não consigo
Não consigo
Escrever é um castigo
Parar é te insultar
Não dormir é me assaltar
Por um amor que não conheces
Um sabotar que não mereces
E no entanto...

Rio, 1989.

DIVISANDO O SOL POENTE

Diviso ao longe um portal sem fim
De ouro e prata e de marfim
Que se aenorma e vem a mim
Em se negando de carmim.

Percebo ao lado um suspiro roto
Andar sombrio amor esgoto
Que se avoluma em névoa e porto
Que faz o certo ficar torto.

Me acerco do som que me domina
É um que pensa outro que assina
A vida segue e o país me azucrina
Até o banho me maltrata e me afina.

Apor o nome
O sabonete
Vagar sem roupa
Coisa louca
Diviso o claro
E o escuro
Cair da noite
Dia no açoite
Só esperar que a própria noite
Em dia torne e não se afoite.

Rio, 1989.

DEPOIS

Você, é, você
Que se me excita de emoções
Estranho ser a me fitar
Parece ter dois corações
Um deles me examina
O outro me alucina
Um dilacera o meu peito
Outro me acena lá do leito
Divide comigo a imensidão
De uma lágrima em perdão
Me dá de teus dois um coração
Confere sem mim a situação
Sem te marcar de torpe ação
E se compreender-me não puderes
Que se faça do nada um alferes
Pra te dizer alô em vão
E fugir a pé tirado o chão
E depois...
Bem, depois...

Rio, 1989.

Copyright

PERGUNTA

Iago que sou
Não me posso desculpar
Homem de brio
Só me quero humilhar
Em te pensando escrevo isto
Pois do amor eu não desisto
Aboletado em refletir
Agoniado em pensamentos
Pois para que serve o amor?
Pra torturar? Pra se deitar?
Ou envolver alguns momentos?
Amar, alçar voo
Sonhar, por isso doo
Se a vida fosse um reto agir
E se querer um não sentir
Oh! — é um imenso questionar
Um de contrastes se abalar
E enturmado em antítese
Sinto fremir dentro da epífise
Ou hipófise, sei lá
Porque a sorte não é má
E ainda absorto em recordar
Me não mais quero perguntar
O que te fiz, meu coração
Que do meu sim fizeste não.

Rio, 1989.

POEMA DO EU

Enquanto vocês discutem o candidato à presidência
Eu me embriago
De prazer
De bebida
De poder
Ser quem eu sou
Eu escuto o noticiário
Eu sou eu
Eu me acomodo ao pensar masoquista
Eu — eu — eu
Eu repito o maldito eu
E depois me durmo com o pensamento a matutar
Algo de negrume a me agitar
Só falo em mim porque só a mim conheço
Só quero a mim porque só em mim me esqueço
E se pobre — digo em mais um poema —
É minha rima e poesia
É como se a noite abraçasse o dia
Em calmaria
Versos fundos
E sem plexo
Com alturas
E um convexo
Altar de almas cegas
Que se esvaem na periferia
Do amanhecer acovardado de estupor
Enquanto o menor abandonado se extingue
Na esfinge do medo dos adultos cidadãos
E o bar se enriquece
E se me jorra em plumas de sangue
Uma catarse alcoólica com dois ós
Porque mais não pode ter
Escuto os sons dos gatos noturnos
Que se me dão os gritos divinos
De um amanhecer que não verei
Pois dormirei
E — e sempre e —
A lembrança de tudo o que não fiz
A incompletude do meu ser
A mulher que não amei
Porque a mulher que não me amou
E a vontade de urinar
Sou sincero com vocês
E me arremedo em pesar
Pois que só sei que de pensar
Em me morrer me arruinar
Se me dariam — adoro esta construção —

E já se quebrou todo este elo
De um versículo em poesia
E de antemão me admiro
De tanto ver de tanto ser
Uma cachola de falares
Um alquebrado almoxarife
O que é isso deus do céu?
Que são palavras a cair
Do céu, do inferno do saber
De ser quem quer que eu queira ser
Desculpe amiga se não fui
Desculpe amigo tolum sui
E segue o verso segue o astral
Em uma nuvem coqueiral
Lembrando Mozart em sonho fênix
A presepada em jogo cênix
Há quanto tempo se me não vem
A frase solta o pó também
E além do mais se não te importas
Que pé no saco — tu me cortas
Um asco azedo um só momento
A nau posseira o vento alento
A professora o ideal
O sol mar alto e boreal
De um lado a sede inconstante
De outro o espírito incessante.

Rio, 1989.

JOE

Hey Joe, se você for pra São Paulo mesmo
Você tem que saber, você tem que entender
Que uma parte fica aqui.

Hey Joe, a turma aqui tem te conhecido
E se você pensar, não se assuste de ver
Alguém pensando te encontrar.

A gente tem mais é que viver
Tem que fazer e acontecer
E se um vai um fica pra trás
Mas só que ir é começar a voltar
Dizer adeus é como um copo de chope
E olha, Joe, não pensa demais.

Hey Joe, além do mais Sampa é logo ali
E a gente fica por aqui, saudade é festa
Joe, goodbye.

Rio, 1989.

Copyright

CHEIRO DE VOCÊ

Quando de um sobressalto apareceu
Um faz-de-conta, uma alegria
Um devaneio em mentografia de você
A acalantar minha lembrança
Nessa saudade um quero-mais feito criança
Pois tudo aqui tem cheiro de você...

E se a paz que são teus olhos
A me ver
A me querer
Morrer de amor
É te imaginar
Aqui.

Rio, 1989.

Copyright

A CLARINETA

(para Mozart)

E a música pra mim tem cor de roxo
São amorfismos lindos que aumentam e diminuem
No crescer e morrer da orquestra
E eu quase choro com o miado pungente da clarineta
Um arrepio sobe com o trinar do violino
Para depois tudo acabar
Em gozo orgásmico de final de sinfonia
A cama é pouca pra meu cansaço esgotado
As sensações continuam e o roxo ainda existe
Um roxo belíssimo
De tons maiores e menores
De alegrias e tristezas
Mas acima de tudo a paz
A paz que é conseguir ouvir
Conseguir entender
Entrar de corpo e alma na música de outrem
A linguagem musical se aprende
Gradualmente, ou não! —
O entender é como impulsos de entendimento
Visões abreviadas porém cheias, plenas de conhecer
Musicar a vida, compassar as emoções
Essa a missão desses braços
E depois escrevo
Como sempre
Escrevo desesperadamente
Como uma vontade irreverente
Porque fremente, premente
Ardente — dirias tu
Ó amante da arte que se alucina
Com o amarrotar das impressões — uma vacina
Contra a dor de não poder ouvir
Contra o ardor de não saber pedir
Como é difícil em palavras dizer
O que as notas acabaram de fazer
No ar à minha volta
No vibrar de linhas tortas

A clarineta soa já um solo longe
E o meu corpo ainda se queda inabrandado
Porém em muito satisfeito
A plenitude é um constante adicionar de novos fatos
Já que à noite nem são pardos nossos gatos
O entender independe da vontade
É uma dádiva, uma inesperada súbita realidade
E se mais ponho as conjunções a trabalhar
Menos esqueço a clarineta a se chorar...

(inspirado no concerto para clarineta
e orquestra em lá maior, de W. A. Mozart)

Rio, 1989.

Copyright

ACHO

Que perdi a capacidade de amar
 E também há coisas mais importantes a fazer
 De igual prazer
 Pois como amar num mundo sem amor?
 Como ser alguém em meio ao estupor?
 Dividendos militantes
 Hipocrisias flagrantes

Demais Demais
 Um na frente
 Outro atrás

Além do mais, o que é o amor?
 Ninguém sabe ninguém viu
 Quando chega já partiu...

Por mais
 Tenaz
 Um fraco
 Audaz

E por isso acho
 Por tudo que é praxe
 Um quadro pastel
 Pintado a guache
 Em só se amando se sente
 A dor de ser semente

Depois do arroz
 Alguém descrente
 Um passo em falso
 O forte
 A morte

Por isso acho
 Que é tudo engodo
 E se a luz balir com um latido profundo
 Ainda assim suponho
 Que nada se sabe das coisas férteis do mundo.

Rio, 1989.

AINDA

Ainda há muito a fazer
Alma minha
E muito a dizer.

Quanto mais não seja
Uma palavra de amor
Mesmo que jamais se veja
A causa primeira da dor.

Se rimar é traduzir
O voltar enquanto ir
Ai de nós, deserto eco
Que insiste em te molhar
 enquanto seco.

Rio, 1989.

Copyright

POEMA DO FIM

Miserável albatroz
Que trouxe o medo até nós
Voando um voo de mau gosto
Fazendo o posto ser disposto.

Condenável quebra-noz
Que a quebrar nos fez de vós
Alusão de ver no tudo
O canto escuro ficar mudo.

Insuperável essa voz
Que adormece o mais feroz
E a vida corre nauseabunda
De mitos vários oriunda.

Admirável ser atroz
Que não desfez todos os nós
Uma vontade de pairar
Só, no da morte limiar.

Rio, 1989.

Copyright

UM QUERER

Então digo outra vez
Em bom e claro português
Parece que quando falo calo
Você não entende
Não compreende
Quero te namorar
Sem precisar te beijar
Quer dizer
Isso não impede
Entendeu?
É um querer que não quer ser
Só quer poder
Ser sem saber
Eu sei que é difícil
Que é talvez inútil
Que é um sentimento fútil
Querer ser abandonado
Num abraço apertado
Desperdiçar um tempo hábil
Amando, vezes louco, ora imóvel
Mas é que quero ser teu namorado
Sem precisar ficar grudado
Estando sempre do teu lado
Ou não.
Que importa o riso
Se escondido nasce o siso?

Rio, 1989.

PARA VINÍCIUS OUTRA VEZ

Já pensei no dito
 No não dito
 E no que queria dizer.
 E no entanto ainda não sei o que fazer.
 Dado que o amor não se explica.
 É como a flor que na teoria não se aplica.

Já revisei o mito
 O maldito
 O aflito e o viver.
 E ainda não sei bem como morrer.
 Enquanto paira no meu ar um jeito estranho
 De um vapor meio-sem-graça de antanho.

Já fiz amor
 E muita dor
 Num mausoléu de esperança.
 E aqui confesso a impaciência com a tardança.
 Mujer de hoy, esperando estoy.
 Ou qualquer coisa que pareça e que não foi.

Contra o verso e o não-verso
 O anverso e o adverso
 Contra mim e o não-mim
 O jasmim e o curumim
 Contra o tudo do absurdo
 Contra o nada da esplanada.

Já lutei, desesperei
 Sorri muito
 E chorei.
 E como todos não fiz nada que preguei.
 N'algun além devem estar tuas respostas.
 Já que te esvais num nado seco e de costas.

Já vi a surra
 E a curra
 Num afago vi carinho.
 E entretanto não há pombos em teu ninho.
 Ah, poesia, que te repetes tanto em mim
 Faze algo urgente, não maltrata o mundo assim.
 Pois que há vida na poesia
 E há cura já na própria amarga azia.

A favor de um amor
Infinito enquanto for
A favor de toda dor
Do sorriso e do torpor
A favor de tudo pôr
Num elogio sem favor.

Já.

Rio, 1989.

Copyright

POESIA INACABADA

Poesias e mais poesias
 Poesias daqui e de lá
Poesias que falam de mim
 Poesias de um sonho sem fim

POESIA INACABADA I

Poesias demais poesias
 Poesias poesias e poesias
Poesias que são só poesias
 Poesias que nem são poesias

POESIA INACABADA II

Poesias que em tempo vão
 Poesias que ao amor se dão
Poesias a matraquear
 Poesias que vão torturar

POESIA INACABADA III

Poesias e mais poesias
 Poesias de tirar o ar
Poesias de preenchimento
 Poesias são o pensamento

POESIA INACABADA IV

Poesias por demais poesias
 Poesias que do ser se evadem
Poesias que não têm poesia
 Poesias — que jamais se acabem.

Rio, 1989.

EM TEMPO

Você que afaga a esperança
De uma sorte ingrata e bela
Que se esmera na andança
E vê o mundo da janela.
Você que a mente tem espessa,
Esqueça.

Rio, 1989.

Copyright

...

Já que pode estar o fim
A dois segundos só de mim...

Rio, 1989.

Copyright